

ORGANIZADORES

Liara Saldanha Brites

Kamyla Stanieski Dias

Camilo Darsie

Andresa Silva da Costa Mutz

Cristianne Maria Famer Rocha

ESTRATÉGIAS BIOPOLÍTICAS DO HOJE E A PRODUÇÃO DE SUJEITOS

interfaces entre tecnologias
na educação e na saúde



ORGANIZADORES

Liara Saldanha Brites

Kamyla Stanieski Dias

Camilo Darsie

Andresa Silva da Costa Mutz

Cristianne Maria Famer Rocha

ESTRATÉGIAS BIOPOLÍTICAS DO HOJE E A PRODUÇÃO DE SUJEITOS

interfaces entre tecnologias
na educação e na saúde



| São Paulo | 2 0 2 3 |



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

ES82

Estratégias biopolíticas do hoje e a produção de sujeitos:
interfaces entre tecnologias na educação e na saúde /
Organizadoras Liara Saldanha Brites, Kamyla Stanieski Dias,
Camilo Darsie, et al. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

Outras organizadoras: Andresa Silva da Costa Mutz,
Cristianne Maria Famer Rocha.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-802-7

DOI 10.31560/pimentacultural/2023.98027

1. Medicina e saúde. 2. Biopolítica. 3. Saúde. 4. Educação.
I. Brites, Liara Saldanha (Organizadora). II. Dias, Kamyla
Stanieski (Organizadora). III. Darsie, Camilo (Organizadora).
IV. Mutz, Andresa Silva da Costa (Organizadora). V. Rocha,
Cristianne Maria Famer (Organizadora). VI. Título.

CDD 610

Índice para catálogo sistemático:

I. Medicina e saúde.

Jéssica Oliveira • Bibliotecária • CRB-034/2023

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2023 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2023 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

[<https://creativecommons.org/licenses/>](https://creativecommons.org/licenses/).

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patrícia Biegging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patrícia Biegging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Bianca Biegging
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Edição eletrônica	Andressa Karina Voltolini Potira Manoela de Moraes
Bibliotecária	Jéssica Castro Alves de Oliveira
Imagens da capa	31Moonlight31, Harryarts, Freepik - Freepik
Tipografias	Acumin, Geometos, Belarius Poster, Lavoir
Revisão	Os autores
Organizadores	Lira Saldanha Brites Kamyla Stanieski Dias Camilo Darsie Andresa Silva da Costa Mutz Cristianne Maria Famer Rocha

PIMENTA CULTURAL

São Paulo • SP

+55 (11) 96766 2200

livro@pimentacultural.com

www.pimentacultural.com



2 0 2 3

12

*Liara Saldanha Brites
Maura Jeisper Fernandes Vieira
Rosane Machado Rollo
Cristianne Maria Famer Rocha*

A BUSCA DE INFORMAÇÕES EM SAÚDE NO *GOOGLE SEARCH*:

**REFLEXÕES SOBRE ESTRATÉGIAS
BIOPOLÍTICAS E NOOPOLÍTICAS**

CENÁRIO INICIAL

Uma pessoa, preocupada, pega o celular e usa o *Google Search* (o conhecido buscador da empresa *Google*) para saber se seus sintomas são comuns a alguma doença. Outra, faz uma cotação de preços do seu medicamento de uso contínuo. Não tão distante, há uma buscando informações sobre seu recente diagnóstico. Enquanto isso, uma pessoa pesquisa quais são os profissionais que atendem próximo de sua residência. Elas parecem acreditar no que leem e talvez tomem alguma decisão após consultar o *Google*. Situações semelhantes a essas estão se tornando mais frequentes. No Brasil, por exemplo, desde 2010 este tipo de busca vem aumentando, principalmente após o reconhecimento internacional da pandemia pela Organização Mundial da Saúde em março de 2020 (GOOGLE TRENDS, 2023).

Não é incomum que uma tecnologia seja criada para alguma finalidade e, conforme utilizada, passe a ocupar espaços e realizar funções que possivelmente não foram programadas na sua concepção. A empresa *Google Limited Liability Company* (LCC), por exemplo, foi criada em 1998, nos Estados Unidos da América, com a missão de organizar a informação mundial e torná-la universalmente acessível e útil (PAGE, 2015). Durante anos, teve como único produto o *Google Search*, criado com a intenção de rastrear a *web* e indexar páginas conforme a relevância com o assunto buscado. Contudo, dentre as tantas possibilidades de busca, atualmente, o buscador vem sendo utilizado pelas pessoas na identificação de possíveis sintomas e tratamentos de saúde.

O *Google Search* é uma das marcas identitárias do nosso tempo. O fato de ser utilizado em todo o mundo (como é possível observar pelas métricas do *Google Trends*) e ser o buscador com maior participação no mercado demonstram o seu alcance (STACOUNTER GLOBAL STATS, 2022). Porém, usar o *Google Search*

para buscar informações sobre saúde não é uma simples ação de clicar e encontrar um conteúdo para ler/aprender. Afinal, as tecnologias são ferramentas pensadas e desenvolvidas por humanos e passam longe de qualquer princípio de neutralidade.

Para pensar nessas relações, assimétricas, de poder envolvidas entre a pessoa que faz a busca, a empresa que desenvolveu a tecnologia e os clientes dela que anunciam a venda de seus produtos e conteúdo, achamos importante registrar que nosso entendimento de poder converge com o do filósofo francês Michel Foucault, em que o poder é visto como potência produtora e “no domínio das relações políticas, esta potência - não de tornar-se, mas de exercer-se - é a única que pode interessar-nos” (LEBRUN, 2007, p. 11). O poder é uma relação entre forças, não uma força que se aplica diretamente sobre as pessoas. Ele não é fixo, emana de uma extremidade para outra, circula, de forma contínua, inconstante (FOUCAULT, 1999a). Esse poder pressupõe liberdade, ou seja, sujeitos livres, que tenham diante de si um campo de possibilidades, em que diversas condutas possam acontecer. (FOUCAULT, 1999b). Ainda, por tratarmos com o tema da Saúde, consideramos que essa busca de informações em saúde transita entre estratégias biopolíticas que buscam regular a vida das populações (FOUCAULT, 2006) e estratégias noopolíticas que envolvem um poder sobre o pensamento, o cérebro e a memória (LAZZARATO, 2006a). Esses conceitos serão explicados ao longo do texto.

Cabe salientar que este capítulo se trata de um ensaio, pensado a partir do recorte do Projeto de Tese da autora principal. O objetivo, neste texto, é refletir sobre algumas das possíveis estratégias envolvidas na busca no *Google* por informações em saúde.

NEOLIBERALISMO, PLATAFORMAS DIGITAIS E O *GOOGLE*

Evgeny Morozov (2018) já alertava que, ainda que involuntariamente, falar sobre tecnologia (neste caso, sobre *Google*) implica em trazer à tona a discussão sobre neoliberalismo. Para Pierre Dardot e Christian Laval (2016, p. 30), “o Neoliberalismo é um sistema de normas que hoje estão profundamente inscritas nas práticas governamentais, nas políticas institucionais, nos estilos gerenciais”. “É precisamente o desenvolvimento da lógica de mercado como lógica normativa generalizada, desde o Estado até o mais íntimo da subjetividade” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 34). A produção de um sujeito neoliberal, competitivo e empresário de si, não seria realizada pelo adestramento dos corpos, como era feito antes com o homem produtivo da sociedade industrial, mas por uma gestão das mentes, por um processo de subjetivação, por uma racionalidade neoliberal.

Por tal racionalidade, entende-se o momento em que aspectos do neoliberalismo excedem características de um sistema econômico, configurando-se como um modelo de vida performativa. Ainda para Dardot e Laval (2016), os pressupostos e mecanismos de funcionamento se alastraram por todos os domínios da vida, de modo que a lógica empresarial, em que se destaca a hipervalorização dos sujeitos capazes de atingir o máximo desempenho, por meio de processos de autogestão, além de predominar cada vez mais no âmbito das relações de trabalho, também alcançam o âmbito das relações pessoais, sanitárias, estéticas, educacionais, entre outras. Na racionalidade neoliberal, a ênfase está na concorrência, na conquista dos consumidores que já fazem parte dos mercados. Nesse jogo competitivo, estão todos: a *Google*, as empresas que pagam para usar a tecnologia da *Google* para expor e vender seus produtos e aqueles que usam o buscador.

Para pensar sobre esses usos/efeitos do *Google Search* é imprescindível lembrar que se trata de uma plataforma digital e um serviço da *Alphabet*. Para Nick Srnicek (2017, p. 30), de forma geral, “plataformas são infraestruturas digitais que permitem que dois ou mais grupos interajam. Por isso, posicionam-se como intermediários que reúnem diferentes usuários: clientes, anunciantes, prestadores de serviços, produtores, fornecedores e até objetos físicos”. E, para Thomas Poell, David Nieborg e José van Dijck (2019, p. 5) plataformas digitais são “infraestruturas de dados que facilitam, agregam, monetizam e governam as interações entre usuários finais e prestadores de serviço e conteúdo”.

As plataformas teriam quatro características gerais: atuam como organizadoras de mercados, por serem intermediárias; modelam o formato desse mercado, uma vez que definem regras de interação, geração de valor e distribuição desse valor dentro de seu ecossistema; fundamentam-se e são dependentes de efeitos de rede, já que quanto mais pessoas a utilizam, mais eficiente e atrativa ela se torna; têm serviços gratuitos para atrair mais usuários, enquanto outro braço da plataforma compensa aumentando seus preços. Thomas Poell, David Nieborg e Brooke Erin Duffy (2021, p. 7) consideram as ações dessas plataformas (plataformização) como “a penetração das extensões econômicas, infraestruturais e governamentais das plataformas digitais nas indústrias culturais, bem como a organização de práticas culturais de trabalho, criatividade e democracia em torno dessas plataformas”.

O contexto neoliberal e de proliferação de plataformas digitais são as condições de possibilidade de desenvolvimento de empresas como a *Google Limited Liability Company* (LCC) que foi criada em 1998, nos Estados Unidos da América (EUA), com a missão de “organizar a informação mundial e torná-la universalmente acessível e útil” (ALPHABET, 2020). Para Siva Vaidhyanathan (2011) essa missão diferencia a *Google* de qualquer outra empresa de comunicação e isso já demonstra a relevância da empresa no contexto digital que vivemos.

Durante anos, seu único produto foi o *Google Search*. Talvez, por isso, *Google* ou *Google Search* parecem ser sinônimos, mas, de fato, não são. Consideramos que uma das reflexões importantes para estudar o buscador é desvincular a imagem "do" *Google Search* (o popular motor de buscas na Internet) à "da" *Google* (a gigante empresa de tecnologia). O *Google Search* foi o site mais visitado do mundo até 2020¹³ (PACETE, 2021), e a empresa *Google* tem uma capilaridade mundial, tanto que vem ampliando seus serviços e alcance. Ao pesquisar na loja oficial da *Google* (*Play Store*), encontraremos em torno de 99 produtos da empresa, como: *Google Earth* e *Google Maps* (geolocalização), *Google Chrome* (navegador de internet), *Google Meet* (videoconferência), *Google Lens* (buscador por imagem), *Google Classroom* (plataforma de ensino-aprendizagem), *Google Tradutor* e *Google Agenda*. E, desde 2015, a empresa *Google* é "a principal subsidiária da *Alphabet Inc.*, uma *holding* e um conglomerado" (PAGE, 2015). A *Alphabet Inc.* possui mais de 53 empresas criadas ou adquiridas pelos cofundadores da *Google*, Larry Page e Sergey Brin (GOOGLE, 2021), como o *Youtube* (vídeos) e o *Waze* (geolocalização). A *Alphabet* tem um alto valor de mercado e junto das empresas americanas *Apple*, *Meta*, *Amazon* e *Microsoft* dominam o mercado mundial de tecnologia, (TORRES; FILGUEIRAS, 2022).

A *Alphabet* cresceu com a pandemia de covid-19. Durante o primeiro ano pandêmico, ano de dor e sofrimento econômico da maior parte da população, os cofundadores da *Google*, juntos, faturaram 65 milhões de dólares americanos, ofertando serviços a quem estava trabalhando e aprendendo em casa (TIKU; GREENE, 2021). Em fevereiro de 2022, a *Alphabet* atingiu o valor de mercado de quase 2 trilhões de dólares americanos, ficando atrás apenas da *Microsoft Corp.* e *Apple Inc* (PATNAIK, 2022).

Porém, antes da pandemia a empresa *Google* já demonstrava intenções de aprimorar e desenvolver serviços tecnológicos na área

da Saúde. Em seu blog oficial, a *Google* divulgou que, em 2019, criou um setor de Saúde e contratou uma médica especialista em Saúde Pública. E durante os primeiros 15 meses de pandemia, a empresa desenvolveu produtos para monitoramento de pessoas com covid-19 e inventou funções no *Google Search*, como alertas e direcionamentos a sites - como o da Organização Mundial de Saúde (OMS) - e bloqueio de links com informações discordantes das orientações desta (BRITES *et al.*, 2021).

Embora as pesquisas no Brasil ainda se ocupem pouco sobre o funcionamento e o uso do *Google Search*, é possível observar o uso de serviços da *Google* na saúde, como formulários virtuais (*Google Forms*), videoconferências (*Google Meet*) e busca de publicações científicas (*Google Scholar*) (BDTD, 2022). Algumas publicações revelam efeitos da busca de informações em saúde no *Search*:

[...] muitas pessoas procuram seu diagnóstico na página de busca antes mesmo de ir ao médico ou saem dos consultórios médicos com um diagnóstico e, ao não saber o que fazer com isso, procuram na internet, nas redes sociais, nos blogs qual a melhor forma de lidar com essa novidade (SILVEIRA, 2016, p. 19).

Michael Hardey (1999) investigou como o uso rotineiro da internet para acessar informações de saúde pode afetar crenças sobre comportamentos e discute sobre os *experts patients* que são os usuários da internet que buscam por diagnósticos, doenças, medicamentos, custos de internação e tratamentos, entre outras possibilidades. No Brasil, André Pereira Neto e outros autores traduzem o “paciente *expert*” (GARBIN; PEREIRA NETO; GUILAM, 2008) ou o “paciente informado” (PEREIRA NETO *et al.*, 2015) como aquele que, mais do que informado, se acha um especialista, um *expert* nos assuntos de saúde.

Em uma pesquisa sobre o tema, ao analisar artigos publicadas entre 1997 e 2005, Pereira Neto e outros autores (2015) identificam pelo menos três posicionamentos: 1) o paciente *expert* promove

a desprofissionalização do médico, já que os médicos utilizam o conhecimento para controlar os momentos que têm com os pacientes e manter uma posição de poder; 2) o paciente *expert* transforma a relação médico-paciente, uma vez que o empoderamento dos pacientes pode promover uma relação de troca de informações e de tomada de decisão compartilhada; e, 3) o paciente preserva e condena a profissão médica, considerando que pode ser provocada uma diminuição da autoridade médica, mas prevê que o uso da internet pelos médicos preservará a assimetria de informações e a relação de poder (GARBIN; PEREIRA NETO; GUILAM, 2008). Tais colocações dão pistas sobre como o *Google* buscador atua como mecanismo biopolítico.

ESTRATÉGIAS BIOPOLÍTICAS E *GOOGLE SEARCH*

Michel Foucault cunhou e escreveu sobre conceitos importantes para tentarmos entender a sociedade e seu funcionamento, destacamos aqui o Biopoder que é, grosso modo, uma forma de governar a vida, um poder que se exerce positivamente sobre a vida, o fazer viver (FOUCAULT, 2012). Esse conceito é complexo e se desmembra em dois eixos: a disciplina e a Biopolítica. Enquanto a disciplina tem como objeto o corpo individual, considera os fenômenos individuais e utiliza mecanismos de adestramento do corpo para obter corpos economicamente úteis e politicamente dóceis, o poder sobre a vida (a Biopolítica¹⁴) tem como objeto o corpo múltiplo e a população. Considerando assim os fenômenos em massa, em série, de longa duração, utilizando mecanismos de previsão, de estimativa estatística, medidas globais e a homeostase, a regulação da população (CASTRO, 2016).

14

Em suas obras, Foucault chama a Biopolítica como mecanismos de segurança e gestão governamental (HUR, 2013).

Enquanto coletivos, nós nos governamos pelo biopoder considerando o poder sobre a vida, as políticas da vida biológica, entre elas as políticas da sexualidade, saúde, natalidade, longevidade (CASTRO, 2016, p. 326). Nesse sentido, assim como a disciplina, o biopoder é um modo de produzir subjetividade (LAZZARATO, 2006a).

As estratégias/técnicas biopolíticas referem-se à vida, “visam a regular a vida atingida pela doença, pelo desemprego, pela velhice, pela morte: a vida, à qual se remetem, é a reprodução de uma população”, uma população numerosa, em um espaço aberto (logo, os limites desse conjunto da população não são definidos, como muitas vezes o estado-nação determina) (LAZZARATO, 2006a, p. 81). Elas buscam regular a vida dos indivíduos, com foco não apenas no fazer e produzir, do ponto de vista econômico, mas sobretudo em uma lógica de investir em condições e formas de regular a vida dos indivíduos, no sentido de absorver níveis maiores de produção (FOUCAULT, 2008).

Assim, os indivíduos passam a moldar seus desejos, recodificar identidades e valores, no sentido de se “transformarem” no sujeito¹⁵ ideal: livre, capaz de mobilizar grandes esforços para competir e lutar pela única forma de vida aceita, uma vida feliz e perfeita (CARVALHO; LIMA, 2016). Então, a partir dessa perspectiva, o sujeito empreendedor de si é desejante, capaz de zelar pela vida, inovador, autônomo, responsável, esforçado, capaz de calcular riscos e tomar as melhores decisões (CARVALHO; LIMA, 2016; HAN, 2017).

Ao nosso redor, há exemplos dessas técnicas: a saúde pública, com suas campanhas de prevenção ao *Human Immunodeficiency Virus* (HIV) - *Acquired Immunodeficiency Syndrome* (AIDS)¹⁶

15 Na concepção foucaultiana, um sujeito é efeito de uma constituição de modos de subjetivação e de objetivação, como objeto de relações de conhecimento e de poder (FOUCAULT, 2006).

16 Em tradução simples, Vírus da Imunodeficiência Humana (VIH) e Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Sida).

(MEYER *et al.*, 2004) e uma política de promoção da saúde (MATTIONI, 2021; MATTIONI *et al.*, 2022), a criação de serviços de rastreio e monitoramento de pessoas contaminadas por covid-19 (BRITES *et al.*, 2021), a automedicação (JOHANN *et al.*, 2021) e a medicalização dos corpos (DOS SANTOS; DE FREITAS, 2018; SANTOS, 2017).

Sendo ou não compatíveis com nosso ritmo e modo de vida (porque algumas vão depender de fatores sociais, políticos e econômicos que independem da nossa vontade), essas estratégias produzem subjetividade. Assim, vamos mudando nossos comportamentos. Usamos preservativos, fazemos exames laboratoriais, compramos medicamentos e vitaminas, vacinamos nossas crianças, paramos de fumar, começamos a fazer exercícios, dispensamos gordura no churrasco, usamos protetor solar e ainda vigiamos/controlamos o comportamento de “risco” das pessoas que se expõem e/ou nos expõem a determinada situação ou doença. E podemos usar a tecnologia disponível (como buscar no *Google* informações) para nos apoiar nessas mudanças. Ainda que não seja o foco deste capítulo, é importante destacar duas estratégias biopolíticas relevantes nesse uso do *Search*: a governamentalidade e, quando se trata de plataforma, a governamentalidade algorítmica.

A governamentalidade é uma arte de governar ou “precisamente, a arte de exercer o poder na forma e segundo o modelo da economia” (FOUCAULT, 2008, p. 127). Pois, a partir de uma nova Razão de Estado novas técnicas de governos surgem, e giram

[...] em torno de como não governar demais. Não é ao abuso da soberania que se vai objetar, é ao excesso de governo. E, é comparativamente ao excesso de governo, ou em todo caso à delimitação do que seria excessivo para um governo, que se vai medir a racionalidade da prática governamental (FOUCAULT, 2008, p. 18).

Considerando algumas práticas realizadas por empresas de tecnologia por meio de sistemas de algoritmos¹⁷, Antoinette Rouvroy e Thomas Berns (2015, p. 12) atualizaram esse neologismo foucaultiano, como “um tipo de racionalidade (a)normativa ou (a)política que repousa sobre a coleta, agregação e análise automatizada de dados em quantidade massiva de modo a modelizar, antecipar e afetar, por antecipação, os comportamentos possíveis”.

Se em nossa sociedade um sujeito preocupado em se manter saudável/vivo, empreendedor de si, é livre para escolher um mecanismo de busca sobre informações de saúde na Internet e tomar suas decisões, também os resultados encontrados nesta busca dependem de regras ou disposições da empresa escolhida, que opera nesta mesma lógica da racionalidade neoliberal.

E parece fazer sentido que esse sujeito empreendedor de si tenha a iniciativa de usar com frequência o *Google Search* para acessar informações que possam ajudá-lo a se tornar mais saudável, competitivo, economicamente ativo e politicamente dócil. Isso porque, enquanto sujeitos, produzimos e somos produzidos por estratégias neoliberais, inclusive no que diz respeito à saúde, à vida e à morte.

Ao fazer uma busca no *Google Search* pedindo dicas de vida saudável, uma infinidade de resultados aparece, mas eles não têm caráter de aleatoriedade, os primeiros resultados – no topo da página – são vinculados aos anunciantes, logo, quem mais investe na plataforma pagando pelo anúncio tem o privilégio de aparecer mais na tela dos usuários. Os demais resultados que vão surgindo estão dentro da gestão algorítmica da *Google* – a qual não existe

17 Algoritmos são um conjunto de instruções ou regras para solucionar um problema ou para realizar uma tarefa, que precisam estar em contato com uma estrutura de dados para agirem (SILVEIRA; SILVA, 2020). Considerando os estudos de Sérgio Amadeu Silveira e Tarcízio Silva (2020) e de Nick Seaver (2019), uso a expressão “sistemas algorítmicos” neste trabalho, visto que um algoritmo não age sozinho e que, geralmente, ele representa apenas uma pequena parte de um sistema dinâmico mais amplo, que envolve códigos, pessoas, banco(s) de dados, negociações e experimentos.

transparência – o que se sabe é que vamos recebendo sugestões e a seleção dessas páginas sugeridas, dentre tantas que existem na rede mundial de computadores, podem ser consideradas mecanismos biopolíticos que operam conduzindo a conduta algoritmicamente dos usuários e direcionando-os para resultados específicos. Esse movimento designa de “maneira muito concretas, frequentemente finas e invisíveis de condução dos indivíduos” (LAVAL, 2021).

Plataformas que fazem publicidade, como o *Google* e o *Facebook*, são responsáveis pelas primeiras tentativas de criar um modelo de negócio digital que se difundiu depois amplamente, pela internet. São técnicas refinadas e compreensíveis, na maioria das vezes, por profissionais experientes na informática. As plataformas operam com *data* (dados gerados e dados coletados), têm a arquitetura baseada em grandes conjuntos de dados - *Big Data* - e utilizam técnicas como as de *data mining*¹⁸, *profiling*¹⁹ e ferramentas de Inteligência Artificial (IA) baseada em dados, como *Machine Learning*²⁰ e *Deep Learning*²¹ (MACHADO, 2019; ZUBOFF, 2018). E, muitas vezes, controlam por modulação, reduzindo, por exemplo, nosso campo de visão, limitando o que vemos na plataforma e favorecendo para que nos agrupamos em bolhas/amostras (SILVEIRA, 2019).

NOOPOLÍTICA E *GOOGLE SEARCH*

Se Foucault (1999a; 1999b), desde a década de 1970 já falava em um investimento no corpo útil e dócil por meio da disciplina,

18 Em tradução simples, mineração de dados, em alusão aos processos de mineração (ou seja, dados “minerados” são preciosos, pois valem muito na sociedade atual).

19 Em tradução simples, construção de perfil. O perfil de cada pessoa permite uma formação de padrões de comportamento, o que acelera a previsão do comportamento do consumidor e dá vantagem às empresas de tecnologia diante da concorrência (SILVEIRA, 2021).

20 Em tradução simples, aprendizado de máquina.

21 Em tradução simples, aprendizado profundo de máquina.

nos dias de hoje, da cultura digital, o investimento não é tão somente no corpo, mas principalmente, na mente (LAZZARATO, 2006a). Os modos de condução das condutas da vida passam a acontecer sutilmente, através de estratégias convidativas e imersivas - como é o caso do *Google Search*. Dessa forma, se por um tempo a centralidade e o alvo das práticas de governo eram o sujeito e a população, no contexto atual, são os públicos que ganharam o foco e passam a ser investimento em um novo mecanismo de controle e de poder, a saber, de um noopoder (MADRUGA, 2017).

De acordo com Hur (2013, p. 210) o noopoder “consiste no fenômeno de controle e gestão da vida que se pauta no poder sobre o pensamento, na modulação do pensamento”, ou seja, incide na produtividade intelectual do sujeito. Deste modo, segundo Lazzarato (2006b), o poder não opera apenas sobre a matéria, mas também sobre aquilo que é denominado como imaterial, a consciência, o pensamento e a subjetividade.

A noopolítica (ou conjunto das técnicas de controle) se exerce sobre o cérebro, implicando em princípio a atenção, para controlar a memória e sua potência virtual. A modulação da memória seria então a função mais importante da noopolítica. Se as disciplinas moldavam os corpos constituindo hábitos principalmente na memória corporal, as sociedades de controle modulam os cérebros e constituem hábitos principalmente na memória espiritual (LAZZARATO, 2006b, p. 100, tradução nossa)

Nesse sentido, a noopolítica se configura em táticas que atuam sobre os públicos para modulação das “[...] mentes com o objetivo de formar aquilo que se conhece por opinião pública” (VEILGA-NETO, 2011, p. 47). Essa sofisticação dos mecanismos de controle passa operar sobre as mentes, desde a própria criação da imagem do pensamento tornando submisso às mutações engendradas pelo capitalismo e sujeitando os indivíduos, e sua maneira de perceber o mundo, às abstrações do consumo. Modulando o pensamento, todos os aspectos da vida ocorrem por meio de uma regulação,

relacionada ou subjugada ao mundo e à imagem do pensamento capitalista (HUR, 2013), impregnando subjetividades e pensamentos. Juntos, o noopoder e a noopolítica, tomam por alvo aquilo que, talvez, o biopoder e a biopolítica não consigam capturar, o homem-espírito, o qual, de acordo com Foucault, somente é objeto do biopoder no limite, pois passará a estar em primeiro plano (LAZZARATO, 2006a).

Cabe ressaltar, entretanto, que nenhum dos três poderes é exercido de forma exclusiva, e na contemporaneidade (sociedade do controle), segundo Viera-Machado e colaboradores (2019), a modulação dos corpos se constitui e é assegurada pelos dispositivos de disciplina (escolas, manicômios, etc.), a gestão da vida organizada pelo biopoder (políticas de saúde, por exemplo), e a modulação da memória e suas potências virtuais reguladas pela noopolítica (constituição da opinião pública, da percepção e modos de pensamentos coletivos, etc). Dito de outra forma, a ênfase nessas três modalidades de exercício de poder (disciplina, biopoder e noopoder), não são excludentes, mas pelo contrário, se apoiam umas nas outras e se combinam para potencializar sua eficácia, e os “efeitos desse processo é que o ‘funcionamento’ de pensamento propagado pelo aparelho de captura segue a gramática neoliberal” (HUR, 2013, p. 211).

A moldagem dos corpos seria garantida pelo poder disciplinar, a gestão da vida organizada pelo biopoder e a modulação da memória e suas potências virtuais garantidas pela noopolítica. “A noopolítica comanda e reorganiza as outras relações de poder, porque opera no nível mais desterritorializado (a virtualidade da ação entre cérebros)” (LAZZARATO, 2006a, p. 87).

Domenico Hur (2013), concordando com Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997), sustenta que a axiomática do capital²² não só modula processos econômicos, sociais e políticos, mas também

22

Para Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997), diferente das instituições, que operam por codificação, inscrição e normatização de procedimentos e de comportamentos, o capitalismo opera por meio de um axioma, um funcionamento próprio, incitando a produtividade e a competitividade, a livre iniciativa e a atualização do acúmulo e da lógica privada.

processos do pensar e subjetivos. E por mais que os fluxos nessa nossa sociedade pareçam livres, fluidos, no fundo eles seguem o padrão da axiomática do capital, liberando de um lado, mas capturando pelo outro, em mecanismos de controle muito mais sofisticados. Se disciplina e biopoder produzem subjetividades, a noopolítica produz novas formas de ser e de subjetivação que constituem o sujeito neoliberal. Na noopolítica

há a conexão entre axiomática do capital, aparelho de captura e tecnologias de controle, resultando assim numa matriz de funcionamento de pensamento e governo das condutas. Nessa conexão há uma desterritorialização do Estado de sua forma monolítica e centralizada para uma forma múltipla, descentralizada, regionalizada, capilarizada, difusa e presente no espaço cotidiano dos sujeitos. Decorre-se assim a sofisticação de tecnologias de governo, como a publicidade, e a modulação das formas de ser, de se afetar e de se (auto)governar. [...] A gestão noopolítica incita a concorrência, a desigualdade social e individual, a lógica de empresa e a despolitização do potencial insurgente, pois isola e opõe os indivíduos numa lógica competitiva, despotencializando a composição política coletiva. (HUR, 2013, p. 213).

Se somos subjetivados por estratégias biopolíticas e buscamos o *Google* para nos mantermos saudáveis, vivos e produtivos durante muito tempo, parece que ao longo do tempo também internalizamos essa ação, como se fosse natural e aceitável pela sociedade essa busca, como a primeira opção que vem em mente quando é preciso obter respostas sobre saúde. Mas, afinal, quem nos orientou a procurar sobre saúde do *Google Search*? Desconhecemos um investimento da *Google* em publicidade orientando o uso do buscador para isto. Suspeitamos que as estratégias utilizadas pela empresa (inclusive aquelas tecnológicas que foram aprimoradas ao longo do tempo, como publicidade e uso dos sistemas algorítmicos para apresentação e modulação de conteúdos por perfilamento) foram dando respostas às expectativas dos usuários e fazendo parte

dessa relação de tal forma que foi internalizado o *Google* no pensamento quando se precisa saber sobre saúde, como se deixasse de ser da ordem da construção/invenção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O neoliberalismo, como lógica normativa e racionalidade política, formam um cenário propício ao desenvolvimento e ampliação dos movimentos de plataformização digital onde atualmente grandes corporações da tecnologia digital são protagonistas, dentre elas está *Google Limited Liability Company* (LCC). O *Google* buscador, pioneira ferramenta da corporação *Google*, foi o site mais visitado da internet até 2020, o que ressalta sua relevância para a pesquisa. Essa ferramenta, muito utilizada pela população em geral, seleciona e indica sugestões de páginas e conteúdo. O que problematizamos é que essas indicações não estão inseridas em um princípio de neutralidade, antes, atuam conduzindo as condutas dos usuários a partir de uma gestão algorítmica como estratégia biopolítica e noopolítica.

Segundo Foucault (2008), o poder soberano (no sentido de dominação, de luta), o poder disciplinar e o biopoder se complementam e não se excluem, queremos aqui operar essa premissa ao noopoder. Utilizando os conceitos de Foucault como ferramentas, entendemos que para estudar tecnologias como o *Google Search*, na velocidade das mudanças nos hábitos da sociedade no contemporâneo, não devemos excluir conceitos, antes podemos optar pela operação de um ou de outro, conforme o contexto. Contudo, diante da complexidade imposta por tantos recursos existentes, podemos e devemos utilizar os conceitos como Biopolítica, disciplina, Governamentalidade, Governamentalidade Algorítmica e noopolítica como complementares, a fim de melhor compreender como estão de dando as relações contemporâneas dos usuários com as

tecnologias. Esta complexidade talvez seja motivo de ainda termos um número de produções aquém do que desejaríamos, mas abre espaço para novos estudos como este e evidencia a importância de novos estudos sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ALPHABET. Alphabet, dona do Google, está prestes a atingir US\$ 1 trilhão em valor de mercado. **Época Negócios**, 2020. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Empresa/noticia/2020/01/alphabet-dona-do-google-esta-prestes-atingir-us-1-trilhao-em-valor-de-mercado.html>. Acesso em: 22 jul. 2021.

BDTD. **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações**. 2022. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 10 mar. 2023.

Brites, L. S.; VIEIRA, M. J. F.; ZAGO, L. F.; ROCHA, C. M. F. Health on Google in pandemic times. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 10, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i10.19087>. Acesso em: 11 out. 2021.

CARVALHO, S. R.; LIMA, E. M. F. A. Poderes da liberdade, governamentalidade e saberes psi: diálogos com Nikolas Rose (Parte 2). **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 20, n. 58, p. 797-808, set. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0888>. Acesso em: 20 fev. 2023.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O anti-Édipo. *In*: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. (orgs.). **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1997.

DOS SANTOS, L. H. S.; DE FREITAS, C. R. TDAH, aprimoramento e medicalização no âmbito da Saúde Mental Global: uma entrevista com Ilina Singh (Parte 2). **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 22, n. 65, p. 631-642, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/icse/a/PGcdwryCGTYGRrh33NZR3R/?lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2022.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999a.

FOULCAUT, M. **Vigiar e punir**. 20. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999b.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos, volume IV: ética, estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. **Segurança, território, população**: curso dado no College de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**; tradução de Maria Thereza da Costa e J. A. Guilhon Albuquerque. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012

GARBIN, H. B. R.; PEREIRA NETO, A. F.; GUILAM, M. C. R. A internet, o paciente expert e a prática médica: uma análise bibliográfica. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 12, n. 26, p. 579-588, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/icse/a/TPC5B5678dnn9YXBFD3KkrK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 ago. 2022.

GOOGLE TRENDS. **Google**, 2023. Disponível em: <https://trends.google.com.br/home>. Acesso em: 5 mar. 2023.

GOOGLE. *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco: Wikimedia Foundation, 2021]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Google>. Acesso em: 11 out. 2021.

HAN, B. C. **Sociedade do Cansaço**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

HARDEY, M. Doctor in the house: the Internet as a source of lay health knowledge and the challenge to expertise. **Sociology of Health & Illness**, v. 21, n. 6, p. 820-835, 1999. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/1467-9566.00185>. Acesso em: 12 ago. 2022.

HUR, D. U. Da biopolítica à noopolítica: contribuições de Deleuze. **Lugar Comum**, Rio de Janeiro, v. 40, p. 201-215, 2013.

JOHANN, B. K. *et al.* Automedicação: um conflito entre a autonomia do paciente e o saber biomédico. **Mostra de Extensão, Ciência e Tecnologia da Unisc**, v. 0, n. 2, p. 266, 2021. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/mostraextensaounisc/article/view/21775>. Acesso em: 13 set. 2022.

LAVAL, C. **Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal**. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

LAZZARATO, M. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006a.

LAZZARATO, M. **Políticas del acontecimiento**. Buenos Aires: Tinta Limón ediciones, 2006b.

LEBRUN, G. **O que é poder**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MACHADO, D. F. **Modulações algorítmicas**: uma análise das tecnologias de orientação de comportamento a partir das patentes do Facebook. 2019. 122 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do ABC, São Bernardo do Campo, 2019. Disponível em: http://biblioteca.ufabc.edu.br/index.php?codigo_sophia=118756. Acesso em: 24 jan. 2022.

MADRUGA, E. B. M. A educação ambiental e a noopolítica como táticas de governo da vida. **Anais da 38ª Reunião Nacional da ANPed**. São Luiz, 2017.

MATTIONI, F. C. **Pelas lentes de Michel Foucault**: reflexões sobre as práticas de Promoção da Saúde na Atenção Primária. 2021. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

MATTIONI, F. C. *et al.* Práticas de promoção da saúde como resistência e contraconduta à governamentalidade neoliberal. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 8, p. 3273-3281, 2022. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/csc/a/SJ3FzPjMBdxQJG9hh3ZsrkQ/>. Acesso em: 13 set. 2022.

MEYER, D. E. *et al.* “Mulher sem-vergonha” e “traidor responsável”: problematizando representações de gênero em anúncios televisivos oficiais de prevenção ao HIV/AIDS. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, n. 2, p. 51-76, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/ref/a/qkmzS8Xmtyw5Ptwwbqzv66w/?lang=pt>. Acesso em: 8 set. 2022.

MOROZOV, E. **Big Tech**: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu, 2018.

PACETE, L. G. TikTok toma o lugar do Google e é o site mais visitado em 2021. **Forbes**, 28 dez. 2021. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2021/12/tiktok-toma-o-lugar-do-google-e-e-o-site-mais-visitado-em-2021/>. Acesso em: 24 jan. 2022.

PAGE, L. G is for Google. **Blog Google**, 10 ago. 2015. Disponível em: <https://blog.google/alphabet/google-alphabet/>. Acesso em: 20 jun. 2022.

PATNAIK, A. S. S. Alphabet eyes \$2 trillion value after blowout results. **Reuters**, 3 fev. 2022. Disponível em: <https://www.reuters.com/business/alphabet-inches-closer-2-trln-market-value-after-blowout-results-2022-02-02/>. Acesso em: 18 jun. 2022.

PEREIRA NETO, A. *et al.* O paciente informado e os saberes médicos: um estudo de etnografia virtual em comunidades de doentes no Facebook. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 22, n. 2, p. 1653-1671, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/hcsm/a/NMrcHvYypNG3sFQmvYvw4vR/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2021.

POELL, T.; NIEBORG, D.; VAN DIJCK, J. Platformisation. **Internet Policy Review**, v. 8, n. 4, 2019.

POELL, T. P.; NIEBORG, D.; DUFFY, B. E. **Platforms and Cultural Production**. Cambridge: Polity Press, 2021.

ROUVROY, A.; BERNIS, T. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o díspar como condição de individuação pela relação? **Revista Eco-Pós**, v. 18, n. 2, p. 36-56, 2015. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/2662. Acesso em: 24 mai. 2022.

SANTOS, L. H. S. Medicalização & Biopedagogias: uma possível agenda de estudos na articulação entre saúde e educação. *In*: SARAIVA, K.; GUIZZO, B. S. (orgs.). **Educação em um mundo em tensão**: insurgências, transgressões, sujeições. Canoas: Editora da ULBRA, 2017. p. 141-181.

SEEVER, N. Knowing Algorithms. *In*: VERTESI, J.; RIBES, D. (orgs.). **digitalSTS**. New Jersey: Princeton University Press, 2019. Disponível em: https://digitalsts.net/wp-content/uploads/2019/11/26_digitalSTS_Knowing-Algorithms.pdf. Acesso em: 11 set. 2022.

SILVEIRA, B. R. **Dor compartilhada é dor diminuída**: autobiografia e formação identitária em blogs de pessoas em condição de doença. 2016. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/148573>. Acesso em: 12 ago. 2022.

SILVEIRA, S. A. A noção de modulação e os sistemas algorítmicos. *In*: SOUZA, J.; AVELINO, R.; SILVEIRA, S. A. (orgs.). **Sociedade de Controle**: manipulação e modulação nas redes digitais. São Paulo: Editora Hedra, 2019

SILVEIRA, S. A. Expropriação Da Vida, Ultra Positivismo e a Nova Eugenia. *In*: FERREIRA, M. R. F.; BOCK, A. M. B. B.; GONÇALVES, M. G. M. (orgs.). **Estamos sob ataque**: Tecnologias de comunicação na disputa das subjetividades. São Paulo: Instituto Silvia Lane, 2021.

SILVEIRA, S. A.; SILVA, T. R. Controvérsias sobre danos algorítmicos: discursos corporativos sobre discriminação codificada. **Revista Observatório**, v. 6, n. 4, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/11069>. Acesso em: 12 ago. 2022.

SRNICEK, N. **Platform Capitalism**. Cambridge: Polity Press, 2017.

STATCOUNTER GLOBAL STATS. [S. I.], 2022. Disponível em: <https://gs.statcounter.com/search-engine-host-market-share>. Acesso em: 12 ago. 2022.

TIKU, N.; GREENE, J. The billionaire boom. **The Washington Post**, Washington, 12 mar. 2021. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/technology/2021/03/12/musk-bezos-zuckerberg-gates-pandemic-profits/?arc404=true>. Acesso em: 19 mar. 2021.

TORRES, F.; FILGUEIRAS, I. Google, Apple, Amazon, Netflix e outras big techs perdem US\$ 3,6 tri em valor de mercado. **Valor Investe**, 28 out. 2022. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/mercados/renda-variavel/empresas/noticia/2022/10/28/google-apple-amazon-netflix-e-outras-big-techs-perdem-us-36-tri-em-valor-de-mercado.ghtml>. Acesso em: 17 mar. 2023.

VAIDHYANATHAN, S. **A googlelização de tudo (e porque devemos nos preocupar)**. São Paulo: Cultrix, 2011

VEIGA-NETO, A. Governamentalidades, neoliberalismo e educação. *In*: CASTELO BRANCO, G.; VEIGA-NETO, A. (orgs.). **Foucault: filosofia & política**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

VIEIRA-MACHADO, L. C. M.; SOBRINHO, R. C.; OLIVEIRA, C. P. Da Biopolítica à Noopolítica: a verdade e a pós-verdade como vetores para modulação de formas de vidas surdas. **Comunicações**, v. 26, n. 3, p. 61-77, 2019.

ZUBOFF, S. Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. *In*: BRUNO, F. *et al.* (orgs.). **Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem**. São Paulo: Boitempo, 2018.